

**Pró-Reitoria de Graduação
Escola de Educação, Tecnologias e Comunicação
Latu Sensi em Libras
Trabalho de Conclusão de Curso**

**PERCEPÇÃO SOBRE OS PRECONCEITOS E DESAFIOS
PARA PESSOAS SURDA HOMOSSEXUAIS**

**Autor(a): Érica Turkevicz
Orientador(a): Prof^a Ms. Valícia Ferreira Gomes**

**Brasília - DF
2016**

ÉRICA TURKEVICZ

**PERCEPÇÕES SOBRE OS PRECONCEITOS E DESAFIOS PARA PESSOAS
SURDAS HOMOSSEXUAIS**

Monografia apresentada ao como trabalho final ao curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Libras da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Libras.

Orientadora(a): Ms. Valícia Ferreira Gomes.

Brasília – DF
2016



Monografia de autoria de Érica Turkevicz intitulada “PERCEPÇÕES SOBRE OS PRECONCEITOS E DESAFIOS PARA PESSOAS SURDAS HOMOSSEXUAIS, apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Libras da Universidade Católica de Brasília, em 19 de Agosto de 2016, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Ms. Valícia Ferreira Gomes
Orientadora - UCB

Prof.^a Ms. Danielle Sousa da Silva
Avaliadora - UCB

Dedico esse trabalho aos meus avós, Aparecido Ribeiro e Iraci Requea Perez, por se fazer sempre presente mesmo na ausência, e por ter ressignificado minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua infinita paciência.

Ao meu pai João, minha mãe Leonilda, minha irmã Patrícia, minha namorada Danielle pelo apoio nessa etapa difícil e cheia de surpresas, além de suportarem a minha constante ansiedade e ausência.

A Lyndsen de Andrade Gabardo, quem primeiro me situou na Libras, meu agradecimento pelos momentos compartilhados de alegrias e frustrações tanto acadêmicas quanto pessoais.

Por todos os professores, mestres e doutores, que passaram no decorrer do curso, por tanta dedicação, conhecimento, por terem me influenciado de forma tão positiva em suas aulas e também pelo carinho que sempre me trataram.

Sou grata pela Ms. Olga Freitas por quem devoto um carinho todo especial e que me fez crescer a cada aula.

Minha orientadora, Ms. Valícia Ferreira Gomes por ter aceitado me orientar e por ter contribuído com outras visões e possibilidades.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho conseguisse atingir os seus objetivos.

“Não é a surdez que define o destino das pessoas mas o resultado do olhar da sociedade sobre surdez”.

(VYGOTSKY, 1993, p.35)

RESUMO

O presente trabalho aborda os principais desafios e preconceitos enfrentados por surdos homossexuais. Elenca a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para a inclusão e construção da identidade do surdo. Com o objetivo de avaliar as relações dos surdos com a família, sociedade, escola e o importante papel dos grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis) para acolher esse público, foi realizada uma pesquisa fundamentada em revisão bibliográfica, sendo aplicada a metodologia de pesquisa com cunho qualitativo, onde foi aplicado questionário semiestruturado com oito perguntas. A partir dos resultados obtidos, foi possível perceber a existência do duplo preconceito, que são encontrados na sociedade, na família, na escola e nos próprios surdos. A sexualidade dos surdos na maioria dos casos é silenciada, o que causa dificuldades de aceitação da homossexualidade por parte dos surdos e dos demais. Destacou-se a existência de grupos LGBT com inserção de pessoas surdas, que acompanham e acolhem demandas direcionadas aos surdos, isso facilita a inclusão e a busca por seus direitos.

Palavras-chave: Surdos. Homossexuais. LIBRAS. Sexualidade.

ABSTRACT

This paper discusses the main challenges and prejudices faced by deaf homosexuals. It lists the importance of the Brazilian Sign Language (Libras) for inclusion and construction of the identity of the deaf. In order to assess the relationship of the deaf with the family, society, school and the important role of LGBT groups (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Transsexual) to host this public, a survey was conducted based on literature review, being applied the research methodology with a qualitative approach, which was used semistructured questionnaire with eight questions. From the results, it was revealed the existence of the double prejudice, which are found in society, family, school and deaf people. Sexuality of the deaf in most cases is muted, which causes difficulties acceptance of homosexuality by the deaf and others. He highlighted the existence of LGBT groups with insertion of deaf people, who accompany and welcome complaints sent to the deaf, this facilitates the inclusion and the search for their rights.

Key-words: Deaf. Homosexuals. POUNDS. Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1. A SURDEZ E A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE	12
1.1 DEFICIÊNCIA E IDENTIDADE DOS SURDOS.....	12
1.2 LIBRAS COMO MEIO DE INCLUSÃO DOS SURDOS	15
1.3 A ESCOLA E A SEXUALIDADE.....	17
1.4 A DESCOBERTA SILENCIOSA DA HOMOSSEXUALIDADE	18
1.5 O DUPLO PRECONCEITO: O PRINCIPAL DESAFIO	22
1.6 HOMOSSEXUALIDADE, FAMÍLIA E SOCIEDADE	28
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	32
2. PARTICIPANTES	32
CAPÍTULO 3 – RESULTADO E DISCUSSÕES	34
3. PERFIL DOS PARTICIPANTES	34
3.1 RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE	34
3.1.1. Compreendendo o motivo da surdez	34
3.1.2. Identificando os membros da família e de convivência da pessoa surda	35
3.1.3. Reação da família acerca da homossexualidade do surdo e o lugar da LIBRAS.	36
3.1.4. Surdez, LIBRAS e Preconceito	37
3.1.5. Homossexualidade e Sociedade	38
3.1.6. Escola, sexualidade e surdez	39
3.1.7. Duplo preconceito: surdo e homossexual	40
3.1.8. Apoio de Instituições para pessoas surdas LGBT	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os preconceitos e principais desafios que uma pessoa enfrenta pela sua surdez e homossexualidade. A escolha do tema se justifica pelo duplo preconceito que surdos homossexuais passam no seu cotidiano, e pela importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como forma de inclusão social.

O objetivo do presente estudo foi conhecer e apresentar os desafios enfrentados por pessoas surdas diante de sua sexualidade, destacando ainda o papel da Língua de Sinais como fator inclusivo, elencando as principais questões da identidade dos surdos, demarcando as relações de gênero. Por oportuno, o estudo buscou apresentar a importância do âmbito escola, vindo a verificar se a escola fornece informações sobre sexualidade para alunos surdos, demonstrando a relação existente com a família e a sociedade, e a participação de grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis) para acolhimento dos surdos homossexuais.

A inclusão dos surdos no contexto social é de suma importância para a qualidade de vida de pessoas surdas, o reconhecimento da LIBRAS como primeira língua foi uma evolução nesse sentido, pois ajuda a construir a identidade do surdo. A língua portuguesa como segunda língua também tem a importância por aproximar os ouvintes que não são fluentes em Libras e trazer o surdo o conhecimento da língua nacional.

A relação do surdo com a família e sociedade é extramente relevante para construção do ser humano, as reações das pessoas a sexualidade do surdo causam forte impacto sejam positivas ou negativas. A escola é um ambiente que deve promover a inclusão e a informação sobre a diversidade sexual e os grupos LGBT para dar força e voz a essas pessoas que passam por um duplo preconceito. O duplo preconceito precisa ser mais debatido, ser surdo e homossexual é pertencer ao mesmo tempo duas minorias.

Para alcançar melhores percepções sobre o tema, foram aplicadas entrevistas com 8 (oito) pessoas surdas e homossexuais do Estado do Paraná e do Distrito Federal. A estruturação do trabalho se dá em três capítulos sendo

o primeiro de fundamentação teórica, o segundo de metodologia e o terceiro de análises de resultados.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A SURDEZ E A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE

Na fundamentação teórica será abordado a questão da identidade do surdo, a importância da LIBRAS como primeira língua, suas relações com a escola, família e sociedade, o acolhimento de Grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis) aos surdos e como acontece dentro do contexto social o Duplo preconceito.

1.1 DEFICIÊNCIA E IDENTIDADE DOS SURDOS

A construção da identidade do surdo está relacionada à sua vivência e suas relações. Na visão de Abreu (2015, p. 65) tais identidades, além de funcionarem como aportes culturais no processo da subjetividade, posicionam os sujeitos em suas relações com os diversos grupos sociais em que estão inseridos.

A inclusão das pessoas com deficiência por meio da legislação específica, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, é uma evidência de que essa identidade tem visibilidade e que as evoluções aos direitos dos deficientes estão acontecendo. É considerada pessoa com deficiência, *in verbis*:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, Lei nº 13.146, 2015)

Os surdos estão incluídos no rol de deficientes sensoriais, o que significa dizer que apresentam um não funcionamento total ou parcial de um dos cinco sentidos, nesse caso a audição. A deficiência sensorial não limita a sexualidade do surdo, mas sim os aspectos de sua comunicação.

[...] As deficiências sensoriais não produzem limitações nos mecanismos de resposta sexual, mas provocam dificuldades na

adaptação do indivíduo ao seu meio social. No sujeito surdo, por exemplo, o déficit auditivo não inibe o seu funcionamento genetal, mas as dificuldades de comunicação complicam sua integração social e a assimilação de conhecimentos e experiências necessárias para um ajuste social/sexual, sendo a Libras peça fundamental para essa inserção, na qual se estabelece uma relação direta entre a aquisição da língua (de sinais) e as significações que o sujeito faz de si e do mundo inclusive da sua sexualidade, pois antes disso o sujeito não tem aparato linguístico suficiente para estabelecer tais significações. (ABREU e SILVA, 2013, p.7).

Muitas pessoas ainda enxergam os surdos como pessoas incapazes pela limitação da sua deficiência e isso sem sombra de dúvidas coloca o surdo em uma situação de desvantagem social. Em 2008, houve a Convenção sobre os direitos da pessoa com deficiência, sobre o tema o livro comentado da Convenção explica:

[...] A incapacidade que é atribuída à pessoa por conta da deficiência que possui, e passível de estigmatizá-la, é um conceito que precisa ser amplamente revisto, ao imputar à pessoa a única e exclusiva responsabilidade para ultrapassar seus limites físicos, sensoriais ou intelectuais. E não atribuindo ao meio social em que a pessoa está em relação, uma responsabilidade inequívoca, ao colocá-la numa situação de maior ou menor desvantagem, por conta de um ambiente mais ou menos favorável a seu desenvolvimento e expansão como pessoa. (BRASIL, 2010, p.29)

É necessário que seja feita uma desconstrução social em relação a figura do surdo como ser incapaz de realizar atividades e ter sentimentos inerentes a qualquer ser humano. Essas desvantagens acarretam muitos fatores para o crescimento do duplo preconceito. Como bem relata o livro da Convenção sobre os Direitos da pessoa com deficiência, o surdo não deve ser visto por suas limitações, mas como pessoa.

Segundo Furtado (2012, p.1) “Vivemos em uma sociedade onde é recorrente o discurso do normal, ou seja, daquilo que está dentro da norma considerada ideal, adequada, e, os sujeitos que não se enquadram nessa norma são marginalizados”. Esse paradigma do preconceito aos deficientes está sendo desconstruído através de atitudes inclusivas.

Incluir os surdos no contexto social, nas empresas, nas escolas, nos esportes, na música e em várias atividades que mostrem sua capacidade, é um meio de promover e dar espaço a identidade surda seja de forma cultural ou na sua personalidade individual.

Para Santana e Bergamo (2005, p.568) “Não existe uma identidade exclusiva e única, como a identidade surda. Ela é construída por papéis sociais diferentes (pode-se ser surdo, rico, homossexual, branco, professor, pai etc.)”.

Deste modo, entende-se que a identidade surda é dotada de diferentes potenciais apesar de estar inserida num grupo de pessoas onde, cada um possui suas características pessoais próprias. Senão vejamos:

[...] A apreensão das coisas é diferente, a língua é diferente e os resultados disso são diferentes. Não há como respeitar essa diferença sem conhecê-la minimamente, sem se tornar sensível a ela, o que significa perceber a si mesmo e ao outro em sua alteridade, isto é, como pessoas com formas distintas de apreensão do mundo e linguagem, o que implica em diferentes formas de compreensão de ideias e expressão de pensamento. (RIBEIRO, 2011, p.34)

Assim, é necessário conhecer a realidade, a fim de se adaptar a língua com o objetivo de compreender e ter sensibilidade na convivência com o surdo, vista que o preconceito nasce daquele que não conhece ou que não busca conhecer.

Na ótica de Bigogno (2010, p.15) “O que se quer ao reivindicar uma identidade, no caso dos surdos, é poder fazer parte da vida social, tendo, porém, sua diferença marcada exatamente para ser respeitada”. Não há como falar em identidade do surdo sem falar na necessidade constante da inclusão social, da força que a língua de sinais representa por uma maior independência dos surdos, como se observa que a sociedade:

[...] portanto, é menos excludente, e, conseqüentemente, mais inclusiva, quando reconhece a diversidade humana e as necessidades específicas dos vários segmentos sociais, incluindo as pessoas com deficiência, para promover ajustes razoáveis e correções que sejam imprescindíveis para seu desenvolvimento pessoal e social, “assegurando-lhes as mesmas oportunidades que as demais pessoas para exercer todos os direitos humanos e liberdades fundamentais”. É dentro deste paradigma da inclusão social e dos direitos humanos que devemos inserir e tratar a questão da deficiência. (MARTINS, 2010, p.29)

Desta maneira, reconhecer a diversidade humana é um meio de inclusão social de pessoas que muitas vezes sofrem por estar à margem da sociedade. Cada ser humano tem necessidades diferentes e por isso se desenvolvem pessoal e socialmente a partir das suas experiências, limitações e progressões.

Cromack (2004, p.1) diz que: “o fato dos surdos viverem em um mundo completamente visual-gestual, seu cognitivo se desenvolve de um modo totalmente visual, ao contrário dos ouvintes que utilizam a audição para se comunicarem”. Isso traz a diferença entre o surdo e o ouvinte no sentido cognitivo da sua identificação, como diz Santana, Bergamo (2005, p.572):

[...] Em suma, dificilmente se pode falar de uma identidade surda. A constituição da identidade do sujeito está relacionada às práticas sociais, e não a uma língua determinada, e às interações discursivas diferenciadas no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos. O reconhecimento dessa realidade seria o aprofundamento das discussões sobre a identidade no campo da surdez, no qual se procura estabelecer uma “norma” com relação ao que é teoricamente chamado de identidade, e exigir que as análises correspondam a ela. Ou seja, uma norma de identidade, a identidade do surdo, e uma norma cultural correspondente, a cultura surda.

Verifica-se então, que a identidade dos surdos é construída ao longo das suas vidas, pelas relações sociais, por suas convicções pessoais, pelo ambiente familiar, pela interação com grupos de pessoas que também são surdas, pela comunicação com os ouvintes e a partir da cultura em que se vive.

1.2 LIBRAS COMO MEIO DE INCLUSÃO DOS SURDOS

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) traz para vida do surdo uma forma de comunicação própria e que melhorou muito a inclusão social de pessoas surdas na sociedade. A comunicação é essencial na vida de qualquer ser humano, pois é através dela que expressamos nossas vontades e sentimento perante as outras pessoas.

Barbosa (2011, p.174) relata que “a conquista da comunidade surda brasileira na questão da aprovação da Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua, foi recente”. Nota-se que esse reconhecimento no Brasil só ocorreu no século XXI e desde então vem sendo aplicada no contexto escolar do surdo.

Vale lembrar que as primeiras escolas para surdos no Brasil tentavam aproximar a comunicação do surdo a do ouvinte, muitas vezes forçando os mecanismos da fala. O primeiro método de linguagem utilizada pelos surdos foi

o “Oralismo” com objetivo de fazer o surdo aprender a falar, na ideia de desenvolver o cognitivo do surdo.

[...] O Oralismo como única forma de educar os surdos começou a ser questionado a partir da década de 1960, com o advento de pesquisas linguísticas desenvolvidas na Universidade Gallaudet (Estados Unidos), e também com estudos realizados em outros campos do conhecimento como a Psicologia, a Neurologia, a Educação, a Antropologia e a Sociologia. Surge então a filosofia da educação de surdos denominada Comunicação Total, que propunha fazer uso de qualquer meio de comunicação (quer palavras e símbolos, quer sinais naturais ou artificiais) para permitir o desenvolvimento da linguagem da criança surda. (CAPOVILLA, 2001, p. 1483 apud NEVES, 2008, p.02).

A evolução da inserção de sinais na comunicação dos surdos resultou no que se tem hoje, importante destacar que cada país tem sua língua de sinais própria. No Brasil a legislação, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), traz a língua de sinais como a primeira língua dos surdos e depois o português. Sobre as propostas apresentadas na presente lei, Palma esclarece:

[...] As propostas educacionais que visam promover a inclusão escolar de alunos com surdez em escolas e classes inclusivas, vêm sendo estruturadas a partir do Decreto 5626/05 que prevê a organização de turmas bilíngues, formadas por alunos surdos e ouvintes, onde as duas línguas, LIBRAS e Português serão utilizados no mesmo espaço educacional. Os estudos sobre a Língua de Sinais estão cada vez mais bem estruturados e com eles estão surgindo alternativas educacionais orientadas a uma prática inclusiva. (PALMA, 2013, p.15)

Infelizmente ainda existe surdos que não tem acesso a educação por meio da comunicação por LIBRAS e até mesmo desconhecem a língua. Um passo importante é a inserção dos surdos em escolas inclusivas onde ele conviva não só com pessoas surdas, mas também exercite sua comunicação com os ouvintes. Sobre o tema, Bigogno declara:

[...] Para realizar a mediação entre a Libras e o Português ou o contrário, existem os intérpretes de Libras, também chamados de tradutores de sinais. Esses profissionais traduzem em Libras para uma ou mais pessoas surdas o que falou uma pessoa ouvinte através de palavras ou, através de palavras, diz a uma ou mais pessoas ouvintes o que sinalizou em Libras, uma pessoa surda. (BIGOGNO, 2010, p.10).

Os intérpretes da língua de sinais são de suma importância para comunicação dos surdos com os ouvintes que na maioria das vezes desconhecem a Língua. Observa-se que, em grandes eventos é comum encontrar a figura do intérprete para passar a tradução aos participantes que necessitem dessa compreensão.

Não é adequado separar a educação do surdo da educação de ouvintes, mas sim criar formas inclusivas de inserir o surdo no contexto social favorável ao seu desenvolvimento; uma vez que; um grande auxiliador do surdo é a leitura e a escrita, em língua portuguesa, que também são meios de obter e mediar à informação que entre os surdos e as pessoas ouvintes. Esta relação estimula a os aspectos cognitivos e psicossociais dos surdos ao dar a eles a possibilidade de outro meio de comunicação e interação com os demais indivíduos da sociedade.

Mesmo com a capacidade de leitura e de escrita da língua portuguesa, se faz necessário o uso da LIBRA, conforme destaca Danesi (2001, p.46) “A língua de sinais é essencial para o acesso à informação e ao conhecimento e indispensável para comunicação do surdo em sua própria comunidade”. Assim, entende-se que a comunicação conforme a Língua Brasileira de é essencial, pois com sua língua própria a comunicação entre surdos e ouvintes torna-se mais inclusiva.

1.3 A ESCOLA E A SEXUALIDADE

Para Campos (2015, p.33) “A educação em sexualidade é uma temática pouco ou nada trabalhada com os adolescentes em sala de aula, ou mesmo no ambiente doméstico e outras instituições até mesmo não formais, pois envolve muitos preconceitos, equívocos”.

Na visão de Lima (2013, p. 1233) “a negação da sexualidade para o surdo reflete na adoção de estigmas e dogmas no exercício dela”. As pessoas relutam em ver o surdo como uma pessoa que tem uma sexualidade, muitos têm uma impressão equivocada de que a deficiência exclui o campo sexual da vida do surdo.

É preciso inserir nos planos de aulas das escolas a temática da sexualidade de um modo geral, não somente para os surdos, tanto no sentido de informar quanto no sentido de educar para as complexidades da vida. A sexualidade em si já é pouco tratada e a homossexualidade, então, fica esquecida; quando se é abordada, muitos professores e intérpretes ignoram a temática. Assim esclarece Lima:

[...] A dificuldade de implantação e manutenção em projetos de educação sexual no Brasil revela a repressão e imposição da hegemonia heterossexual frente à liberdade sexual de exercer plenamente qualquer orientação e identidade de gênero. Na vida dos surdos, a educação sexual precisa relacionar-se contextualizando suas vivências e práticas cotidianas a fim de proporcionar autonomia da identidade sexual sendo influenciada pelo ensino da sexualidade. (LIMA, 2013, p.1234)

O fato é que se faz necessário criar políticas públicas, para além das existentes, que discutam a importância da educação sexual, sobretudo com adequações para que os surdos tenham acesso à informação. No caso dos homossexuais surdos o que se percebe é que além da falta de informação, não falar sobre sexualidade no ambiente escolar alimenta ainda mais o preconceito diante da sua orientação sexual.

1.4 A DESCOBERTA SILENCIOSA DA HOMOSSEXUALIDADE

A pessoa surda na sociedade atual já vive um grande desafio, pela falta de compreensão da maior parte da sociedade, pelo desconhecimento da comunicação em Libras e todo preconceito que ainda cerca a vida do surdo. Apesar dos avanços obtidos até hoje, inclusive com empresas abrindo seus espaços para receber pessoas surdas, ainda falta muito para que o surdo seja tratado com o respeito que merece.

[...] Percebe-se que a deficiência, muitas vezes, é tomada como característica principal do sujeito, não podendo coexistir atitudes e desejos que fujam da normalidade imposta como regra. Desconsidera-se que pode ocorrer que à condição da deficiência somam-se outros estigmas e preconceitos, como a questão de gênero, orientação sexual, raça, etc., que tendem a ser minimizadas não levando em consideração o significado desses estigmas para o desenvolvimento do sujeito reforçando o preconceito. (ABREU E SILVA, 2013, p.4).

Para as pessoas surdas se comunicar com os ouvintes e com as pessoas também surdas significa se inserir no mundo como integrantes da sociedade que são, senão vejamos:

[...] Discutir sobre o/a surdo/a e suas representações na sociedade pós-moderna é uma proposta que precisa ser enfocada sob a ótica da diferença a partir do seu reconhecimento político. Então, falar deste diferente não é falar das diferenças ou de todos os diferentes, proposta que durante muito tempo baseou os discursos de quem não conhecia e nem pretendia conhecer efetivamente o que é ser surdo em uma sociedade de ouvintes. Mas falar sobre e dos surdos é inverter a lógica excludente de onde normalmente nós ouvintes nos colocamos para discutir e decidir sobre a vida e os problemas dos surdos. É, principalmente, fazer calar nossa voz hegemônica e deixar nossos olhos ouvirem a sinfonia de gestos que transbordam de sentimentos frustrados, de sonhos irrealizados, de ideais cerceados, mas também, de olhares cúmplices, de sorrisos francos e de múltiplas expressões. É tentar fazer com que minhas palavras escritas materializem a gestualidade com tal intensidade que meu texto passe a dar visibilidade aos silêncios e as lacunas forjadas pelos ouvintes na história dos surdos e surdas. (BECHE, 2005, p.12)

Antes do final do século XX a homossexualidade ainda carregava em sua classificação o sufixo “ismo” o que transparecia a ideia de doença e possuía até espaço no rol de doenças da Organização Mundial de Saúde. Era altamente condenável alguém se dizer homossexual no Brasil, apesar de não ser crime como em alguns países do mundo. Sobre o tema Abreu, Silva e Zuchiwschi (2015, p.611) ensinam: “Assim, a sexualidade se manifesta em um contexto cultural e histórico. Cada sociedade estabelece conceitos de normalidade para comportamentos considerados adequados ou não, que devem ser incentivados ou reprimidos”.

O fato é que os diferentes segmentos religiosos se relacionam, na maioria das vezes, como sendo este um pecado abominável. Para os surdos sem dúvidas foi um grande sofrimento se perceber homossexual. Assim ensina Abreu, Silva e Zuchiwschi:

[...] No fim do século XIX e início do século XX, os termos passaram a definir mais estreitamente os tipos de comportamento sexual e as identidades sexuais. A homossexualidade foi assumida como um discurso médico-moral e a heterossexualidade ficou estabelecida como descrição da norma, ocorrendo uma dualidade opositora entre os termos e uma valorização de um sobre o outro. Assim, institucionalizou-se a heterossexualidade, produzindo uma hierarquia

na qual o *anormal* e o *normal* passaram a ser distinguidos e hierarquizados. (ABREU, SILVA E ZUCHIWSCHI, 2015, p. 611).

Na visão de Abreu e Silva (2013, p.1) “em geral, prevalece à ideia de que as pessoas deficientes são assexuadas, consideradas infantis e inocentes (incompletas pelo defeito)”. Logo, a descoberta da homossexualidade não é um momento fácil para maioria das pessoas, e para os surdos pode ser ainda mais complicado pelo duplo preconceito que ele poderá sofrer, ou seja, estabelecer uma relação no espaço social diferente da norma: ‘deficiente’ e ‘homossexual’. Senão vejamos:

[...] É necessário levar em consideração, que assim como na população em geral, há pessoas com deficiência que se reconhecem como homossexuais e isso precisa ser levado em consideração por aqueles que interagem com tais pessoas e assumem uma postura de respeito à diversidade humana. (ABREU E SILVA, 2013, p.4).

As primeiras manifestações da sexualidade geralmente acontecem na adolescência, na cultura atual as pessoas enxergam como “normal” a heterossexualidade e, por isso, pode-se dizer que vivemos uma heteronormatividade. O que diferir disso para muitas pessoas é considerado um comportamento sexual inadequado, isso acontece pelas influências culturais e religiosas.

[...] Sair do armário significa, portanto, assumir esta identidade surda, o que para muitos é um desafio tão grande quanto assumir uma identidade homossexual. Tal processo pode envolver de maneira articulada os dois atributos identitários ou ocorrer de formas isoladas, onde cada uma destas identidades é firmada e afirmada há seu tempo. Compreender esses processos[...]. (SILVESTRE, 2011, p.4)

É fácil perceber que fazer parte de uma minoria social não é fácil, a história e os contextos sociais mostram isso todos os dias. A partir da bibliografia apresentada é possível entender que a sociedade impõe comportamentos, padroniza a ideia do que é certo e excluem as pessoas, isso acontece o tempo todo. O que é diferente das imposições da sociedade tem a tendência de ser menos aceito e apontado como uma situação marginalizada.

Segundo MCleary (2003, p.6) “Gays e lésbicas nascem em famílias de heterossexuais; suas mães e seus pais, irmãs e irmãos, normalmente não os

entendem e muitas vezes abominam a ideia de ter um filho ou filha, ou irmão(ã) gay”. Ser homossexual é algo natural da sexualidade humana, assim como ser heterossexual, bissexual entre outras denominações. Seguindo tal raciocínio:

[...] Nesse aspecto, os gays têm muito em comum com os surdos: eles nascem em ambientes potencialmente hostis. Eles são marginais nas suas próprias famílias. Gays muitas vezes experimentam um “renascimento” quando descobrem outros gays, fora da família. A mesma coisa acontece muitas vezes com surdos que descobrem, já crescidos, a comunidade surda. Eles começam a sentir que eles têm outra família entre as pessoas iguais a eles que podem entendê-los e que podem aceitá-los exatamente como são. (MCLEARY, 2003, p.6).

Nota-se diante dessa comparação entre surdos e homossexuais que ambos sofrem um contexto de preconceito parecido, agora basta pensar na junção desses preconceitos quando uma pessoa além de ser surda, e, também, homossexual; isso é o que pode-se chamar de duplo preconceito.

Sem sombra de dúvidas “uma barra muito pesada” para pessoas que além de buscarem se inserir no mundo com sua surdez, ainda busca, se inserir, nesse mesmo contexto, como uma pessoa homossexual. Ao entrar em contato com essa temática ainda há pouco conteúdo de acesso aos surdos homossexuais sobre essa realidade esse é um dos pontos mais críticos a falta de informação. Sobre o tema Abreu, Silva e Zuchiwsch salientam:

[...] Estudos, com maior ou menor ênfase, têm discutido essas sobreposições de exclusão e seu impacto na constituição da pessoa, mostrando que a vida de sujeitos situados fora do padrão se configura em diversos contextos de desigualdade social; estruturados por meio de repressão, subalternização e opressão cotidiana. (ABREU, SILVA E ZUCHIWSCHI, 2015, p. 609).

A oralidade ainda é bastante utilizada na comunicação diária com o surdo em suas famílias. Diante disso, é fácil compreender as barreiras para comunicar e, ainda dialogar sobre a homossexualidade com a própria família. Assim, é possível destacar:

[...] Para os sujeitos que foram durante toda sua vida pressionados e formatados nos moldes de repressão e desrespeito presentes nesta forma de educação disciplinadora algumas questões permanecem sem respostas, no silêncio das palavras e gestos e, principalmente, no vazio de desconsideração comum na visão judaico-cristã-ocidental. (BECHE, 2005, p.70)

Hoje, a língua de sinais é um dos melhores meios de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Ao assumir esta compreensão, alguns importantes órgãos públicos e empresas privadas têm em sua equipe intérpretes para que as pessoas surdas acompanhem o que está sendo discutido em seus eventos corporativos.

É preciso que o próprio surdo aumente sua autoestima diante de todos esses desafios que a vida lhe propõe, a homossexualidade deve ser vista como uma sexualidade natural e, para isso, é importante o apoio do movimento LGBT, da Família, amigos e da sociedade.

[...] Essa ideia choca o mundo ouvinte. Como é possível ter orgulho de ser surdo? De ser deficiente? Mas esse mal-estar que resulta quando o ouvinte é confrontado com o “orgulho de ser surdo” ajuda a deslocar a perspectiva ouvintista sobre a surdez; ajuda a desestabilizar a definição ouvinte da condição de ser surdo; ajuda a possibilitar uma nova definição surda sobre o que significa ser surdo. (MCLEARY, 2003, p.8).

É preciso que os movimentos sociais também assumam um papel na visibilidade do surdo homossexual no contexto mundial, mostrar que eles existem ampliar a participação deles em debates de políticas públicas.

1.5 O DUPLO PRECONCEITO: O PRINCIPAL DESAFIO

O principal desafio a ser enfrentado é o duplo preconceito. Além de conviver com a surdez, e com os preconceitos sociais diários em relação aos ouvintes, o surdo que descobre sua homossexualidade encontra mais uma dificuldade, no momento em que se percebe fazendo parte de mais uma minoria.

[...] A própria negação de que as pessoas com deficiência possam ter desejos de ordem homossexual reflete a invisibilidade da sua sexualidade. Se entendermos que essas pessoas como sexuadas, como as demais, também assumimos que elas podem expressar desejos que fujam dos padrões normativos da heterossexualidade. (ABREU, SILVA, 2013, p.4)

A marginalização das minorias está presente ao longo da história mundial, geralmente essa minoria paga o preço por realizar escolhas que não

são hegemônicas, mas que são escolhas possíveis e que dialogam com um curso de desenvolvimento humano. Ser negro, gay, lésbica, transexual são aspectos da natureza do homem, e em todas essas representações pode existir pessoas surdas que se encaixem em algumas dessas situações. Sobre o tema, Abreu e Silva destacam:

[...] A diversidade sexual tende a ser inviabilizada, sendo escassamente tematizada como conteúdo didático nas escolas e espaços formativos e, frequentemente, a homofobia é subestimada em seus efeitos negativos aos sujeitos homossexuais. A solidão é um desdobramento marcante da homofobia, dessa forma, a pessoa homossexual acaba por ficar a margem do seu grupo social, comprometendo sua convivência com os demais. (ABREU e SILVA, 2013, p.9).

Segundo Beche (2005, p.70) “A indiferença com que as instituições sociais tratam a sexualidade assume caráter extremo de perversidade na constituição da identidade do surdo, em especial pela diferença e desconsideração a sua língua”. Uma pessoa passa a vida inteira construindo sua identidade, como o surdo, constrói sua identidade com uma dificuldade a mais, como o não ouvir e ter que aprender a se comunicar com o ouvinte para poder se expressar.

Na ótica de Abreu et al (2015, p.609) “nota-se a existência de subalternidades de categorias de diferenciação, síntese da junção de vários eixos de exclusão e exploração social”. O que acontece na visão de Abreu et al (2015) é que existe um cenário que exclui e explora o surdo através da diferenciação tratando-os como inferiores em relação aos demais. Segundo o autor:

[...] Os surdos homossexuais vivem a condição de (dupla) subalternidade social, preferindo esconder a orientação sexual como forma de manter sua segurança e resguardar-se perante o olhar da comunidade surda. Há um temor confesso de que a sua homossexualidade seja descoberta, o que traz prejuízos sociais e psicológicos. (ABREU, SILVA E ZUCHIWSCHI, 2015, p. 618).

Silvestre (2011, p.3) destaca que “é preciso não esquecer que a identidade surdo e homossexual não é a totalidade de qualquer sujeito, já que as identidades envolvem diversos aspectos da personalidade e da vida social”. Isso significa dizer que a homossexualidade do surdo é apenas mais um

aspecto da sua vida e da personalidade e, que, além disso, a pessoa surda possui outras características que o definem como ser humano.

Um fator que pode vir a contribuir ~~muito~~ para essa repressão do surdo com sua homossexualidade é a religiosidade na família. No Brasil, principalmente em religiões cristãs as pessoas são ensinadas que ser homossexual é pecado, que não deve ser aceita e que é condenável aos olhos de “Deus”. Isso faz com que o surdo que vive nesse contexto acredite que sua sexualidade é um erro e, muitas vezes, ele precisa esconder essa parte tão importante da sua vida. Sobre o tema, Beche salienta:

Mesmo neste período chamado contemporaneidade, algumas crenças religiosas primam pela castidade permitindo o sexo somente após o casamento, condenando a masturbação e a homossexualidade, pouco ou nunca discutindo a sexualidade como parte da vida humana, como necessária para a realização pessoal, ao contrário, discursam a favor da relação sexual unicamente para a procriação, inculcando valores e normas que visam o autocontrole e a consequente culpabilização no caso do não cumprimento destas regras. (BECHE, 2005, 73)

Ainda que diante de tantas evoluções tecnológicas, científicas, históricas, sociais e de direitos, a questão da sexualidade ainda é pouco debatida dentro das famílias. E, em famílias de surdos, os pais ouvintes muitas vezes não sabem como tratar o tema da sexualidade ou para eles é possível que nem consigam ver seus filhos como pessoas de sexualidade ativa, o que possivelmente ocorre desde a infância.

As repressões com questões relativas ao corpo são envoltas oportunizam uma atmosfera instigante ao mesmo tempo, que castradora. A criança surda é ensinada a não conhecer seu próprio corpo. A não perceber seu próprio prazer. A não explorar seus desejos. Todas estas violências passam a configura-se como um sistema castrador onde a sexualidade é algo a ser desconsiderada, feia, suja, indecente, algo a ser banido de nosso cotidiano. (BECHE, 2005, p.68)

O duplo preconceito decorre muito da falta de conhecimento das pessoas em relação à sexualidade do surdo, muitas pessoas não conseguem visualizar o surdo como um ser humano normal que possui as mesmas emoções, que precisa de afeto e de satisfação sexual. Sobre o tema, Abreu e Silva ensinam:

Nesses termos, não se imagina uma pessoa com deficiência tendo manifestações afetivo sexuais que fujam da norma heterossexual como parte de sua identidade pessoal. Quando se considera uma orientação homossexual para essas pessoas, em geral a referência está em brincadeiras e jogos sexuais que são comportamentos comuns entre crianças e jovens, principalmente em instituições de reclusão. (ABREU e SILVA, 2013, p.4)

Abreu, et al (2015, p.609) explicam que “aliada às limitações sociais impostas a essas pessoas, prevalece à ideia de que os sujeitos com desenvolvimento atípico são infantis e inocentes”. O que significa que os surdos por sua limitação auditiva são vistos como incapazes de viver sua sexualidade e ainda carregam sobre sua vida a impressão das outras pessoas com seres infantis.

[...] A construção da identidade do sujeito homossexual, bem como do sujeito surdo, ocorre em distintos campos que se entrecruzam, e a maneira como os indivíduos se percebem e são percebidos como surdos-homossexuais é um fator importante nesta trajetória. Estas identidades e seus marcadores não são apresentados unicamente como categorização exclusivamente limitante, ou seja, ser surdo e homossexual é parte do todo que este sujeito é, e estes marcadores oferecem possibilidades outras para que ocorra a articulação destas. (PISCITELLI, 2008 apud SILVESTRE, 2011, p.2).

Para MCleary (2003, p.7) “Esse fingimento sem dúvida tem um preço muito alto: eles não podem ser o que são; não podem expressar o que sentem”. Ainda sobre o assunto, os autores Abreu e Silvam se expressam da seguinte forma:

[...] Estudos, com maior ou menor ênfase, têm discutido essas sobreposições de exclusão e seu impacto na constituição da pessoa, mostrando que a vida de sujeitos situados fora do padrão se configura em diversos contextos de desigualdade social; estruturados por meio de repressão, subalternização e opressão cotidiana. (ABREU, SILVA E ZUCHIWSCHI, 2015, p. 609).

A opressão a pessoas surdas tanto por ter a deficiência auditiva quanto por ser homossexual é nítida, e isso fica claro no momento em que boa parte deles prefere não contar isso, ou sentem total desconforto ao esclarecer sua sexualidade para outras pessoas.

Para Abreu e Silva (2013, p.5) “os mitos que permanecem na coletividade sobre sexualidade e deficiência são geralmente criados por uma sociedade que insiste em visualizar as debilidades e não as capacidades das pessoas deficientes”. Parece sempre mais fácil para uma maioria discriminar do que respeitar as pessoas por ser como elas são o que causa um enorme problema de ordem social e psicológica para os surdos homossexuais.

Uma importante estratégia é que os surdos homossexuais passem a conhecer pessoas que passam pelas mesmas situações que eles, pessoas surdas homossexuais que mostrem que é algo totalmente natural. Quando pessoa passa a conviver com outras que vivem as mesmas coisas, se sente mais confortável com sua maneira de viver. Abreu e Silva assim destacam:

[...] É urgente o esforço conceitual e analítico para compreender a condição existencial ao longo do processo de desenvolvimento ontogenético de sujeitos surdos homossexuais. Bem como sua interface com as políticas públicas de assistência e formação, tendo como pano de fundo a especificidade linguística dos sujeitos. (ABREU, SILVA E ZUCHIWSCHI, 2015, p. 618)

Para Abreu e Silva (2013, p. 4) “Nas instituições, especiais ou não, assim como em qualquer outro espaço social, há deficientes que se manifestarão como heterossexuais ou homossexuais”. É importante que a escola passe a combater esse duplo preconceito, assume diante disso o papel fundamental na vida do aluno surdo. Segundo Beche:

[...] Entendemos melhor esta lógica quando passamos a considerar o fato de que a intencionalidade de liberar sexualmente os indivíduos, cada vez mais cedo, busca garantir o controle através de eficientes dispositivos institucionais, por concentrarem no corpo toda atenção, desvirtuando as questões coletivas, individualizando desejos e necessidades, passamos a viver na busca do padrão ideal, no delineamento do modelo perfeito, na aquisição dos bens que prometem a felicidade. (BECHE, 2005, p.65)

É importante que o surdo tenha contato com a temática da sua sexualidade o quanto mais cedo possível. É sempre melhor está informado no momento das descobertas, para que o surdo entenda o que está acontecendo com seu corpo. O conhecimento é a melhor forma que combater o preconceito

interno, esse que é sempre o mais doloroso que é o preconceito consigo mesmo. Segundo Abreu e Silva:

[...] Durante muitos anos, a problemática da surdez ficou relegada à esfera patológica e aos processos de medicalização orientados pela incompletude decorrente da perda da audição e, conseqüente, do déficit de comunicação. A condição social do surdo é marcada pelo lugar da incapacidade, limitação e inferioridade. O não pertencimento à sociedade majoritária (ouvinte) trouxe estigmatização e exclusão, e a situação da surdez ficou, tradicionalmente, relegada à problemática da deficiência. (ABREU, SILVA E ZUCHIWSCHI, 2015, p. 617)

O duplo preconceito é algo que deve ser visto como a principal problemática da vida do surdo homossexual, a partir do momento que ele consegue aceitar e viver sua sexualidade vem o enfrentamento desse duplo grau de preconceito. Será o momento de abrir isso aos demais, ou fingir e negar, o que é extremamente danoso na vida de qualquer ser humano.

Ainda sobre o duplo preconceito de acordo com uma visão empírica por base na convivência com surdos homossexuais, não ser aceito pela família, pela sociedade e até mesmo no próprio grupo de pessoas que também são surdas podem causar um abalo emocional e um impacto irreparável na vida dessas pessoas.

O primeiro grupo de surdos homossexuais surgiu na cidade de Curitiba no Paraná em 2010, composto por 30 surdos e com estatuto próprio, funciona com a nomenclatura de APLS – Associação Paranaense de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros Surdos:

[...] O objetivo do grupo é primeiramente aumentar a comunicação dos surdos com o restante da população, fornecendo um curso gratuito de libras que começa na próxima semana. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS é outro foco do grupo, que alega que muitos surdos desconhecem o assunto por conta da barreira na comunicação. (Revista Lado A, 2010, p.1).

Uma pesquisa publicada pelo Grupo de LGBT surdos de Pernambuco com base na tese do estudante André Gonçalves da Silva, aluno da Pós-Graduação em Educação Especial da FUNESO, em Olinda. Constatou que:

O estudo chamado de "Desejos e afetividades que não querem calar: o grupo LGBT Surdos de Pernambuco" identificou qual o grau de preconceito que sofrem os surdos gays e apontou soluções em

políticas públicas, para que, a partir da escola, e da ação dos professores, essas pessoas sejam respeitadas. "A partir dos dados analisados, observamos que os discursos homofóbicos dão sustentabilidade para a existência dos discursos surdofóbicos no contexto familiar e escolar, provocando assim a exclusão do surdo" explica André. A pesquisa identificou também outro tipo de preconceito, aquele que parte de homossexuais contra os surdos gays. "Igualmente, foi observado que a surdez tem sido fator condicionante para existir homofobia por parte de LGBTs ouvintes contra os LGBTs surdos, o que implica numa guetização mais ampliada desses sujeitos" alerta o pesquisador. (Athos,2011, p.1)

É de suma importância que o movimento LGBT abrace a causa dos surdos homossexuais, pois isso fortalece a integração desses surdos na sociedade em um ambiente que ele se sinta incluído e fortalecido.

1.6 HOMOSSEXUALIDADE, FAMÍLIA E SOCIEDADE

Um dos principais aspectos da vida do ser humano é sua relação com a família e sociedade, o surdo que descobre sua homossexualidade encontra pela frente o desafio de ser respeitado pela família e por suas relações sociais. Para Beche (2005, p.33) "O incentivo à tolerância e à aceitação da diversidade oculta-se as relações de poder e os processos de diferenciação que produzem tanto a diferença como a identidade, resultando no surgimento de novas dicotomias". O autor ainda destaca:

[...] Considera-se o "outro" como um problema cultural afinal, ele faz parte do mesmo mundo que nós, conseqüentemente, o encontro com ele é inevitável. Os confrontos que advêm da presença e do conseqüente encontram com o outro ultrapassa o fato de colocar em xeque nossa individualidade, afinal, o outro agora é a outra cor de pele, a outra sexualidade, a outra etnia. O outro agora também é fluídico, mutável, incondicionável, inconsistente, logo, inaprisionável. (BECHE, 2005, p.32)

A família e a sociedade influenciam o indivíduo culturalmente ao longo de toda sua vida, isso pode ser negativo no sentido da busca pela aprovação. Dentro das famílias na maioria dos casos há pouca conversa sobre sexualidade e pouca abertura para que a pauta seja discutida em ambiente familiar, já a sociedade tende a estabelecer padrões e a rejeitar o que é diferente disso.

[...] Em que pesem todas as transformações históricas correntes, os preconceitos e o cerceamento de direitos desses grupos persistem. Embora não sejam mais jogados ao mar ou lançados nas fogueiras, como no passado, continuam sendo duplamente silenciados pela sua situação orgânica (surdez) e pela expressão sexual considerada desviante (homossexualidade). (ABREU et al, 2015, p. 617).

Ao apresentar um comportamento sexual desviante do padrão dentro do ambiente familiar é comum às tentativas de correção por meio de visitas médicas, a maioria dos pais não tem a percepção que o filho é de fato homossexual, até mesmo pelo impasse da comunicação e falta de informação. Abreu assim destaca:

[...] Para os sujeitos surdos e homossexuais, ter--se-ia de inventar e executar uma série de ações visando à sua reintegração à normalidade: práticas oralistas e de deslegitimação linguística, para os surdos, e criminalização e ações médico--corretivas, para os homossexuais. De fato, em ambas as categorias, há sujeitos demarcados e reconhecidos socialmente como desviantes da norma, sendo seu destino a experiência de segregação e/ou reabilitação. (ABREU, et al, 2015, p. 617).

Esses programas de educação sexual para deficientes são tão necessários para o surdo quanto para sua família e sociedade. Deveria ser algo disponível, pois o que os surdos têm acesso são materiais que tratam da sexualidade sobre um padrão heteronormativo. A sociedade exerce uma relação de poder sobre as pessoas que para o surdo homossexual pode tomar uma proporção ainda maior pela questão do duplo preconceito, uma parte considerável da população brasileira é opressora quando o assunto é homossexualidade.

Sobre o assunto, Gregorio e Silva assim se manifestam:

Vale também ressaltar que a violência homofóbica cometida contra pessoa cuja vivência da sexualidade, a orientação e/ou identidade de gênero presumida não se conforma à heteronormatividade. Ou seja, são também recorrentes episódios contra sujeitos que, apesar de se reconhecerem como heterossexuais e/ou cisgênero, tendo a eles atribuídas características que fazem com que os perpetradores das violências os classifiquem como homossexuais e/ou outras categorizações. (GREGÓRIO E SILVA, 2014, p.84).

A homofobia¹ é tão grave que não apenas afeta o grupo a qual se destina basta que achem que a pessoa faz parte da sigla LGBT que para o agressor a violência se justifica. É importante destacar a homofobia, pois, ela está presente na sociedade, é crime motivado por ódio e aversão e faz com que se possa começar a entender o porquê uma parte dos surdos homossexuais tem receio de assumir sua homossexualidade.

A questão familiar é vista sempre como a mais delicada, pois a partir do momento sabe e aceita que é homossexual a principal batalha é encarar a família que é sua primeira base de vida e contar a sua homossexualidade de forma a não esconder das pessoas mais importantes do seu círculo que verdadeiramente é. Beche ensina:

Dentro desta perspectiva de construção da identidade surda a família vem demarcar sua presença com fundamental importância. É neste espaço de convivência que valores são ensinados sob a égide da cultura e do tempo histórico em que está localizada. Normalmente, a chegada de um filho diferente é causa de transtornos e frustrações. Valores e crenças são questionados, verdades são colocadas em cheque, sentimentos são (re) significados, enfim, há uma desestabilidade das relações provocando mudanças imprevistas na forma de ver e estar com o outro. Todo este processo é considerado normal, no entanto, à medida que as explicações são ou não encontradas, a aceitação ou a rejeição se estabelecem. É bastante comum a busca pela normalização, afinal, durante nossa história esta era a razão pela qual a educação e as intervenções médicas aconteciam. (BECHE, 2005, p.42).

Quando se trata da sociedade o campo dos sentimentos não é o mais visível e, sim, o do julgamento, o que tem sido a saída são os grupos e movimentos sociais LGBT, senão vejamos:

[...] Hoje existem muitas organizações gays que defendem seus direitos legais, que combatem a violência contra gays, que trabalham pela saúde e a aceitação dos gays na sociedade, e que ajudam jovens gays a superarem a humilhação e a vergonha que muitas vezes levam ao suicídio. (MCLEARY 2003, p.7).

¹ *Homofobia* é o termo utilizado para designar uma espécie de medo irracional diante da homossexualidade ou da pessoa homossexual, colocando este em posição de inferioridade e utilizando-se, muitas vezes, para isso, de violência física e/ou verbal. (Ferrari, 2016, p.1)

A família é a base de todo ser humano e a sociedade o meio em que se vive. É preciso ampliar a informação e garantir o respeito aos surdos homossexuais.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Para realização do presente trabalho, a metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa qualitativa com aplicação de entrevista semiestruturada numa análise empírica.

Como principal instrumento da pesquisa foi aplicada uma composta de oito perguntas a sete entrevistados surdos homossexuais, via internet, em cidades diferentes do Brasil com auxílio das redes sociais.

2. PARTICIPANTES

Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo exploratório e de abordagem qualitativa. A pesquisa de abordagem qualitativa proporciona ao pesquisador um contato direto e interativo com o estudo em questão, para assim compreender melhor o efeito da matéria. Segundo Neves (1997), a pesquisa de cunho qualitativo esta subdivida em três tipos: documental, estudo exploratório de caso e a etnografia. Sendo assim, o escolhido para a elaboração do trabalho foi o tipo exploratório.

De tal modo, para uma melhor compreensão sobre o tema, buscou-se ainda realizar uma pesquisa bibliográfica. Este tipo de pesquisa consiste no planejamento global inicial de qualquer trabalho, que vai da identificação, localização e obtenção de material já publicado pertinente ao assunto, como livros, trabalhos acadêmicos, revistas técnicas científicas e artigos científicos (BARRO; DUARTE, 2005).

Assim, foi possível elaborar um texto padronizado, onde se buscou apresentar toda a literatura examinada, de forma a evidenciar o entendimento e as ideias sobre o tema proposto.

O estudo exploratório é um tipo de pesquisa de campo no qual se desenvolve uma investigação cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com a finalidade de familiarizar o pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para modificar ou clarificar conceitos (MARCONI, 2003).

O perfil dos entrevistados são homens e mulheres, com idade entre 18 a 30 anos, todos se comunicam por LIBRAS, residentes nos Estados do Paraná e no Distrito Federal.

A pesquisa foi realizada para cunho científico, foram utilizados nomes fictícios para a segurança e liberdade de expressão dos entrevistados.

A duração da pesquisa foi de dois meses, no período de maio e junho de 2016.

CAPÍTULO 3 – RESULTADO E DISCUSSÕES

3. PERFIL DOS PARTICIPANTES

A análise e discussão dos resultados estão pautadas através de entrevistas aplicadas a sete surdos homossexuais, que tem como sua primeira língua a LIBRAS, residentes nos Estados do Paraná e Distrito Federal.

Para apresentar os resultados, por questões de respeito e ética aos participantes, os nomes apresentados são meramente fictícios. A entrevista, como instrumento de pesquisa, buscou entender a questão do duplo preconceito sofrido por ser uma pessoa surda e também homossexual; a construção das relações e a falta de informação da sexualidade; os impactos na família e na sociedade e o acolhimento de grupos LGBT mediante a orientação sexual e a surdez.

Uma percepção interessante é que todas as respostas encontram uma conexão, mesmo sendo pessoas com personalidades diferentes as histórias se encontram em vários momentos em situações parecidas no contexto de vida de cada um, estando organizada na categoria abaixo juntamente com o relato de experiência dos entrevistados.

3.1 RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE

3.1.1. Compreendendo o motivo da surdez

Para cada pergunta feita serão demonstradas três respostas em ordem aleatória. Foram sete participantes como são verificados nos fragmentos da entrevista a seguir.

Entrevistadora: Como ficou surda?

Luiza: Minha surdez é genética, pois meus pais são surdos e tenho 3 tios surdos.

Luiza tem uma surdez genética sempre foi surda desde que nasceu, tem pais e tios também surdos.

Entrevistadora: Como ficou surda?

Bruna: Minha mãe teve um problema de saúde durante a gestação, então nasci surda.

No caso de Bruna a mãe teve uma complicação durante a gestação o que causou sua surdez ao nascer.

Entrevistadora: Como ficou surdo?

Lucas: Nasci normal e depois de 6 meses tive sarampo.

Lucas nasceu com as funções auditivas em condições normais, entretanto contraiu Sarampo com seis (6) meses de vida e perdeu sua audição.

Nessa primeira pergunta constatou-se que cinco entrevistados nasceram surdos e dois por contraírem uma doença chamada Sarampo.

3.1.2. Identificando os membros da família e de convivência da pessoa surda

A segunda pergunta pretende conhecer como e com quem os surdos homossexuais moram e convivem em seu dia a dia dentro de casa. Como se demonstra nos trechos seguintes:

Entrevistadora: Mora atualmente com quem?

Marina: Com a minha esposa

Marina reside em companhia da sua esposa, o que já demonstra uma aceitação e vivência da própria sexualidade.

Entrevistadora: Mora atualmente com quem?

Carla: Moro sozinha.

Carla mora sozinha, e convive bem com sua sexualidade.

Entrevistadora: Mora atualmente com quem?

Joana: Com minha atual parceira.

Joana mora com sua companheira e tem sua sexualidade assumida.

3.1.3. Reação da família acerca da homossexualidade do surdo e o lugar da LIBRAS.

O terceiro questionamento diz respeito a reação família ao descobrir a sexualidade homossexual do parente surdo. Como se relata a seguir:

Entrevistadora: Como sua família soube da sua identidade de pessoa homossexual? Como reagiram?

Rafaela: Minha mãe desconfiava, por causa da aliança que escondia com minha ex. Quando ela perguntou, eu afirmei que sim. Minha mãe foi contra, entrou em depressão. Já meu pai ficou na dele, apenas respeitou. A família toda foi contra, tias, avós, já minha irmã levou de boa. Depois de muito tempo que viram que eu estava feliz, aceitaram.

Percebe-se no relato de Rafaela que ela encontrou uma dificuldade inicial com reações negativas a revelação da sua homossexualidade por diferentes integrantes da família, apenas seu pai respeitou. Mas atualmente ao notarem sua felicidade aceitaram.

Entrevistadora: Como sua família soube da sua identidade de pessoa homossexual? Como reagiram?

Luiza: Aos 22 anos assumi a minha identidade sexual, contei aos meus pais que não aceitaram e para toda família que ficou dividida entre aceitação e rejeição.

No caso de Luiza verifica-se o que acontece com frequência, os pais inicialmente não aceitam e não conseguem entender a identidade sexual do filho e apenas alguns integrantes da família demonstram uma abertura de acolhimento.

Entrevistadora: Como sua família soube da sua identidade de pessoa homossexual? Como reagiram?

Bruna: Creio que minha família sempre soube desde quando tinha 16 anos, quando uma pessoa de fora veio comentar de mim para minha família. Reagiram normal, até mesmo foi minha mãe que me incentivou a falar em uma frase que nunca esqueço “se você for feliz com a pessoa que quer, eu também ficarei feliz”. E a minha avó que me criou sempre esteve do meu lado me apoiando em tudo o que for de bom e de melhor para minha vida.

Bruna encontrou em sua família apoio incondicional após a revelação a sua sexualidade.

3.1.4. Surdez, LIBRAS e Preconceito

A quarta pergunta da entrevista aborda o preconceito e de onde ele surge. Como podemos destacar nos próximos trechos.

Entrevistadora: Na sua visão quem é mais preconceituoso em relação a sua sexualidade: os ouvintes ou surdos?

Lucas: Olha, se for olhar para o mundo inteiro, diria que é ouvinte por ser a maioria e minoria são surdos. Mais fácil olhar pelas notícias em TV que em tudo mostra ser ouvinte. Em meu caso, talvez não tenha percebido que tem ou já teve preconceito de mim, até porque não me preocupo em saber, essa palavra não entra no meu pensamento ainda.

Lucas acredita que o preconceito venha com mais frequência por parte dos ouvintes, essa conclusão vem da mídia, mas pessoalmente nunca percebeu preconceito direcionado a ele.

Entrevistadora: Na sua visão quem é mais preconceituoso em relação a sua sexualidade: os ouvintes ou surdos?

Marina: Na minha visão acho que não tem quem é mais e nem menos, são 50% dos ouvintes e 50% dos surdos.

Marina enxerga que o preconceito está meio a meio entre ouvintes e surdos.

Entrevistadora: Na sua visão quem é mais preconceituoso em relação a sua sexualidade: os ouvintes ou surdos?

Carla: Os ouvintes.

Carla é taxativa e na sua visão os ouvintes são mais preconceituosos em relação a sua sexualidade.

3.1.5. Homossexualidade e Sociedade

A quinta pergunta está relacionada à posição da sociedade frente à homossexualidade da pessoa surda. Como relata os trechos seguintes:

Entrevistadora: Você poderia comentar sobre “se a sociedade tem preconceito às pessoas surdas”? Sobre pessoas homossexuais?

Rafaela: Sim, por duplo preconceito. Surdo+gay. A sociedade nos vê como coitadinhos, gays ainda mais discriminados.

Rafaela destaca um fator já apresentado nesse trabalho: a dificuldade da sociedade entender que o surdo também tem sua sexualidade e tratá-los com coitados reforçando assim o preconceito.

Entrevistadora: Você poderia comentar sobre “se a sociedade tem preconceito às pessoas surdas”? Sobre pessoas homossexuais?

Joana: A sociedade tem preconceito à absolutamente quase tudo. Classe social, orientação sexual, raça, cor, religião, etc. Deveriam olhar mais para o próprio umbigo e

deixarem as pessoas serem felizes da forma que elas acharem melhor. Afinal, nada disso define caráter.

Joana destaca o caráter preconceituoso de uma maioria social contra os vários tipos de minorias e afirma o preconceito por parte da sociedade a pessoas homossexuais.

Entrevistadora: Você poderia comentar sobre “se a sociedade tem preconceito às pessoas surdas”? Sobre pessoas homossexuais?

Luiza: É relativo, embora chame mais atenção o surdo homossexual do que o ouvinte homossexual, devido aos mitos que a sociedade ainda mantém em relação ao surdo, mas não chamaria de preconceito e sim de espanto ou curiosidade, porque o preconceito não escolhe e sim sente.

Luiza vê uma situação relativa e evita generalizar o preconceito. Ela vê mais curiosidade do que preconceito por parte da sociedade.

3.1.6. Escola, sexualidade e surdez

A sexta pergunta tem o enfoque no ambiente escolar e as informações fornecidas sobre a sexualidade do surdo.

Entrevistadora: Quando estudava teve informações sobre sexualidade?

Marina: Na época que eu estudava não tinha muita informação sobre sexualidade.

Marina não teve muito contato com a temática sexualidade na escola.

Entrevistadora: Quando estudava teve informações sobre sexualidade?

Lucas: Poucas, procurei em alguns lugares também, internet, grupos

Lucas também não teve muitas informações sobre sexualidade na escola e por isso procurava saber em outros locais, internet e grupos.

Entrevistadora: Quando estudava teve informações sobre sexualidade?

Bruna: Mais ou menos, quando estudava no ensino médio, já tinha envolvidos com uma delas.

Bruna teve mais contato com a temática sexualidade já adolescente no ensino médio.

3.1.7. Duplo preconceito: surdo e homossexual

A sétima pergunta diz respeito ao sentimento de duplo preconceito por ser surdo e homossexual.

*Entrevistadora: Na sua opinião você sente um duplo preconceito em ser uma pessoa surda e homossexual?
(Sugestão/comentário: Só precisa apresentar a pergunta uma única vez.)*

Rafaela: Sim. Principalmente, nas entrevistas de emprego.

Rafaela destaca a dificuldade de passar nas entrevistas de emprego por ser surda e homossexual.

Entrevistadora: Na sua opinião você sente um duplo preconceito em ser uma pessoa surda e homossexual?

Carla: Sinto mais preconceito por ser surda do que lésbica, pois sou feminina, então só sabem que sou lésbica se contar.

Para Carla o fato de ser feminina afasta o preconceito por ser homossexual, sofre mais preconceito por ser surda.

Entrevistadora: Na sua opinião você sente um duplo preconceito em ser uma pessoa surda e homossexual?

Lucas: Sim.

Lucas sente o duplo preconceito por ser surdo e homossexual.

3.1.8. Apoio de Instituições para pessoas surdas LGBT

Na oitava e última pergunta à ideia foi saber se existem acompanhamento e acolhimento de grupos LGBT a pessoas surdas e homossexuais.

Entrevistadora: Você já procurou, teve apoio ou tem conhecimento de algum Grupo LGBT que acolha os surdos homossexuais?

Luiza: A minha homossexualidade foi desperta de modo natural sem me envolver em grupos GLBT ou afins, embora já tenha frequentado lugares específicos, no geral não participo e nunca participei de nenhum movimento da categoria, porém reconheço a importância de uma instituição ou ONG voltado para isso, em especial, aos surdos homossexuais que se faz necessária uma política pública para sua defesa em prol da cidadania e o direito de ser homossexual.

Apesar de não participar de nenhum grupo LGBT Luiza acredita ser importante para defesa da cidadania e dos direitos do homossexual.

Entrevistadora: Você já procurou, teve apoio ou tem conhecimento de algum Grupo LGBT que acolha os surdos homossexuais?

Marina: Tenho um grupo de LGBT surdos que sempre está acolhendo.

Marina é acolhida por um grupo LGBT.

Entrevistadora: Você já procurou, teve apoio ou tem conhecimento de algum Grupo LGBT que acolha os surdos homossexuais?

Bruna: Nunca procurei para algum caso.

Bruna nunca procurou por Grupo LGBT. Através dos trechos apresentados das entrevistas aplicadas nota-se que a maioria dos surdos homossexuais participantes sente o duplo preconceito por parte da família e da sociedade, percebe-se também que durante a formação da maioria houve pouca informação escolar sobre sexualidade e que apesar de conhecerem grupos LGBT que acolhem surdos apenas alguns procuram o apoio desses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser surdo e homossexual é muito difícil, pois ao mesmo tempo se integra duas minorias, o presente trabalho apresentou a importância da primeira língua LIBRAS para a comunicação e expressão dos surdos.

A relação entre surdo, família e sociedade encontram barreiras no preconceito, muitas pessoas ainda não conseguem perceber que o surdo também tem sua própria sexualidade o que dificulta a disponibilidade de informações sobre o tema.

Foi constatado também que muitas vezes a descoberta da sexualidade do surdo acontece de forma silenciosa e quando o surdo se descobre homossexual encontra receio tanto da reação dos ouvintes quanto dos demais surdos. O apoio de Grupos LGBT tem um papel importante na construção e proteção dos direitos dos surdos homossexuais, entretanto poucos procuram ajuda a grupos direcionados a temática LGBT.

Abordar esse tipo de temática é muito importante para promover a inclusão social e levar conhecimento sobre um assunto pouco falado nas bancas acadêmicas e na sociedade em geral. Para próximos trabalhos é importante identificar com a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) inclui pessoas LGBT em geral, não só homossexuais como bissexuais, transexuais etc. Por fim, vale ressaltar que ainda é preciso conscientizar as pessoas que o surdo é uma pessoa com uma sexualidade, inclusive incentivar a diversidade de informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Fabrício Santos Dias. **Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: Um estudo da narrativa de surdos Homossexuais**. Instituto de Psicologia. UNB. Brasília DF. 2015

_____. **Surdos e Homossexuais: A (Des)coberta de Trajetórias Silenciadas**. Temas em Psicologia – 2015 Vol. 23, nº 3, 607-620. UNB. Brasília DF. 2015.

_____. SILVA, Daniele Nunes. Henrique. **Homossexualidade e surdez: Um estudo sobre as experiências sexuais em surdos**. XXI Jornada de Educação Especial da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil. 2012.

_____. **Vozes silenciadas: Homossexualidade, sexo e relações afetivas interpessoais em sujeitos surdos**. Faculdade de Educação. UNB. Brasília DF. 2011.

ATHOS, GLS. **Ser surdo e gay é ser alvo maior do preconceito revela estudo**. Brasília. 2011. Disponível em: http://www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.php?contcod=31559 acesso em 17 de mai. 2016

BARBOSA, Leonarley Rodrigo Silva. **A Língua Brasileira de Sinais como inclusão social dos surdos no sistema educacional**. UFSC. Florianópolis-SC. 2011.

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BECHE, Rose Clér Estivaleta. **A sexualidade do surdo: Retalhos silenciosos na constituição da sua identidade**. (Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil).2005

BIGOGNO, Paula Guedes. **Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos?** UFJF. Juiz de fora-MG. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciassociais/files/2010/11/Cultura-Comunidade-e-Identidade-Surda-Paula-Guedes-Bigogno.pdf> acesso em 19 de mai.2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.463, de 24 de abril de 2002 que **dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 22 mai. 2016.

_____. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras** e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 22 mai. 2016.

CAMPOS, Maria Fernanda de Arruda. **Concepção da sexualidade de estudantes usuários de Libras em uma escola polo.** UNESP. Araraquara-SP. 2015. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/3761.pdf acesso em: 21 de mai.2016

CAPOVILLA, Fernando César. **A evolução nas abordagens à educação da criança surda: do oralismo à comunicação total, e desta ao bilinguismo.** 2 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. **Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais.** Psicol. Cienc. v.24 n.4 Brasília-DF. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932004000400009 acesso em 16 de mai. 2016.

DANESI, Marlene. Canarim. **O admirável mundo dos surdos.** Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.

FERRARI, Juliana Spinelli. **"Homofobia"**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>>. Acesso em 27 de julho de 2016.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Identidades e diferenças em narrativas de surdos negros.** ANPED. Porto Alegre-RS. 2012. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Tra_balho/08_16_39_1924-7317-1-PB.pdf acesso em 23 de mai. 2016

GREGÓRIO, Maria de Fátima Di. SILVA, Karine Nascimento. **Gênero e sexualidade nos lócus família/ escola: incursões deflagradas a não heterossexualidade e os desafios para a cidadania reconhecida.** UFS. São Cristovão- SE. 2014. Disponível em: www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/download/2954/2601 acesso em: 22 de mai. 2016.

LADO A, Portal. **Fundado o primeiro grupo de surdos gays em Curitiba.** Curitiba-PR. 2010..

Disponível em: <http://revistaladoa.com.br/2010/04/noticias/fundado-primeiro-grupo-surdos-gays-em-curitiba#ixzz49ENZNhL8> acesso em 20 de mai. 2016.

LIMA, Edson de Souza. **Reflexões sobre a história do ensino da sexualidade para surdos no Brasil.** Universidade Católica de Pernambuco. Recife – PE. 2013. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1229-1238.pdf> acesso em 21 de mai. 2016.

MARCONI, M. A.; Lakatos, E. Ma. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Lilian Pinto. **A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência comentada.** Secretaria Especial de Direitos Humanos. Brasília. 2010.

MCCLEARY, Leland. **O orgulho de ser surdo.** Artigo apresentando no Encontro Paulista de Intérpretes e Surdos. São Paulo: FENEIS-SP. 2003.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades.** Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 02 set. 2016.

PALMA, Naiana de Oliveira. **Libras: Instrumento de Inclusão escolar do aluno surdo.** CENSUPEG, São Joaquim. 2012. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Naiana-de-Oliveira-Palma.pdf> acesso em: 13 de mai. 2016

RIBEIRO, Karen. **Sexualidade e gênero: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo.** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2011.

SANTANA, Ana Paula. BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidades surdas: Encruzilhadas de lutas sociais e teóricas.** UNICAMP. Campinas-SP. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em. 20 de mai. 2016

SILVESTRE, Joubert. **Interseccionalidades e processos de Construção de identidades “Surda-Homossexual” entre jovens universitários.** FCS – UFG. Goiânia- GO. 2011.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDADE:

GÊNERO:

- 1) Como ficou surdo?
- 2) Mora atualmente com quem?
- 3) Como sua família soube da sua identidade de pessoa homossexual? Como reagiram?
- 4) Na sua visão quem é mais preconceituoso em relação a sua sexualidade: os ouvintes ou surdos?
- 5) Você poderia comentar sobre “se a sociedade tem preconceito à pessoas surdas” ? Sobre pessoas homossexuais?
- 6) Quando estudava teve informações sobre sexualidade?
- 7) Na sua opinião você sente um duplo preconceito em ser uma pessoa surda e homossexual?
- 8) Você já procurou, teve apoio ou tem conhecimento de algum Grupo LGBT que acolha os surdos homossexuais?